

# VERDADE E MEMÓRIA NA EXPERIÊNCIA EUROPEIA. SOBRE AS PAISAGENS DA MEMÓRIA

# 4

## Uma evocação europeia

*Truth and memory in the European experience. About the landscapes of memory  
An European evocation*

**RICARD VINYES**

---

Professor Catedrático de História Contemporânea na Universidade de Barcelona (UB).

**Transcrito e traduzido por**

**ADRIANA SILVA MAILLART**

---

Doutora e Mestre em Direito pela UFSC. Coordenadora do Curso de Direito. Professora e pesquisadora do Programa de Mestrado em Direito da Universidade Nove de Julho (Uninove).

Amigos e amigas,<sup>NT1-NT2</sup> antes de qualquer coisa, gostaria de agradecer à Uninove e aos organizadores deste evento por me presentear com a oportu-

---

NT1. Nota da Tradutora. Ricard Vinyes dirigiu programas de pesquisa no Zentrum Dokumentationem (Viena) e da Fundação Giangiacomo Feltrinelli (Milão). Ele é especialista em movimentos sociais europeus e suas articulações políticas e culturais. Suas pesquisas mais recentes versam sobre a violência e repressão no período franquista e a análise das políticas públicas de gestão de memória na Europa e América Latina. Foi coordenador da Comissão responsável pela elaboração do projeto Memorial Democrático da Catalunya e do governo catalão e Prêmio Nacional de Patrimônio em 2004. Trabalho realizado pelo projeto Har2011-23490.

NT2. Nota da Tradutora. Palestra de Ricard Vinyes da Universidade de Barcelona proferida em 23.05.2012 na Universidade Nove de Julho-SP.

nidade de estar aqui esta tarde para falar e dialogar sobre um tema de meu interesse e que também nos afeta. No meu caso, como me foi pedido, falarei sobre a construção da paisagem memorial na Europa. Vou me deter a tratar, basicamente e principalmente, sobre as questões relativas à memória e aos processos sociais de construção de uma memória pública ocorridos na Alemanha. É certo, que há a presença de instituições que tem o intuito de garantir o direito dos cidadãos a participar da construção de uma memória pública, neste caso em concreto, sobre a devastação humana, que significou o fascismo, do período entre guerras e durante a Segunda Guerra Mundial. Esta construção de memória pública hoje em dia é conhecida como uma realidade institucional que tem prestígio em muitos países da União Europeia, não em todos, mas em uma grande parte.

Entretanto, estas instituições, ações e intervenções, diferente do que se pensa, não foram instituições, políticas, intervenções criadas, nem produzidas nos anos imediatos ao pós-guerra europeia, que são os anos em que surgem as bases da maioria das democracias atuais ou da remodelagem de democracias antigas e das democracias contemporâneas que conhecemos. Aquele era um momento, o fim da Segunda Guerra mundial, em que parecia propício para se iniciar uma reflexão profunda, uma explicação e uma educação sobre o desastre do fascismo e os custos que teve, sobretudo, a defesa dos valores democráticos nas distintas resistências que se organizaram e se desenvolveram nos países europeus. Entretanto, a realidade não foi desta forma. Apenas, muitos anos depois, é que os governos dos países europeus decidiram constituir instituições públicas para explicar a realidade dos atos acontecidos durante o fascismo e da contribuição da oposição e da resistência e dos seus valores e suas motivações de oposição a este fascismo. Esta demora ocorreu, na verdade, porque a memória é, por natureza, conflito. A tendência universal dos governos consistiu, não em gerenciar o conflito, mas abster-se do conflito por medo necessariamente de um trauma nacional. Isto porque a Segunda Guerra Mundial foi, na realidade, uma guerra civil ocorrida em cada país, como foi o caso do ocorrido na França, Grécia, Itália e Iugoslávia.

Na Alemanha, as perseguições estiveram muito presentes e, por toda parte, o Tribunal de Nuremberg foi considerado suficiente, enquanto que, na realidade, apesar de ter seus aspectos positivos, não foi outra coisa que uma grande criação dos aliados, que haviam derrotado as tropas do terceiro Reich. Feita esta introdução e, por se tratar de um assunto extenso, menciono, como disse no início, que minha intenção aqui é de falar e tratar da última grande operação simbólica memorial que se realizou na Europa nos últimos 20 anos e, acredito, seja a última grande operação simbólica memorial ocorrida no mundo nos últimos 20 anos. Refiro-me a gestão memorial que ocorre na Alemanha:

a conexão que é mantida entre esta operação memorial com a sociedade e com os três grandes acontecimentos que marcaram o país no século XX. Estes três acontecimentos são: em primeiro lugar, o genocídio exercido pelo terceiro Reich; em segundo lugar, a divisão territorial e nacional estabelecida em 1949, como marco da guerra fria, dividindo o país em dois Estados: a República Federal da Alemanha e a República Democrática Alemã, que foi realmente um trauma para todo o território da antiga Alemanha; e, em terceiro lugar, as consequências que teve o fim do muro de Berlim e da posterior unificação da Alemanha e que está relacionada precisamente com a gestão da memória do genocídio exercido pelo terceiro Reich, que não aparece como uma política pública própria de um governo alemão até a queda do muro de Berlim.

Diz-se isto porque, desde o fim da guerra mundial, Berlim realmente se converteu na referência simbólica universal dos conflitos políticos e culturais que afetavam toda a comunidade internacional. E, em consequência, quando 12 anos depois do fim da guerra, na noite do 12 para o 13.08.1961, as autoridades orientais ordenaram a construção do muro de Berlim e que dividia a cidade e que, naquele mesmo momento, se levantou de maneira simbólica um muro no mundo inteiro. Quando, 24 anos mais tarde, em outubro de 1989, o muro foi derrubado, surgem importantes mobilizações populares. Naquele momento, com a queda do muro, a gestão da representação simbólica no contexto urbano da cidade de Berlim trouxe também os conflitos referentes à hegemonia cultural que apareceriam por trás da unificação na década de 1990. Foi uma década de grandes mudanças, de todo tipo e em todas as partes.

O que não tinha aparecido e o que se tinha afastado da memória pública, como por exemplo, a evocação da memória do holocausto, a partir da queda do muro e, só com a queda do muro, na década de 1990, apareceu com força. Reforço isto porque estou me referindo a um período de um processo histórico que teve consequências importantes em todo o imaginário político e simbólico europeu e, não somente europeu, mas em toda parte.

Este é um relato, sobretudo, de um processo que, por muito tempo, foi excluído da memória pública: os esforços relativos à democratização da Europa e que, sobretudo, penalizava estes esforços, liquidando e ocultando o capital simbólico que haviam gerado aqueles esforços pela democratização da Europa. Ou seja, fez-se atacando e castigando, desta maneira, não só a identidade construída durante tantos anos, mas também a identidade construída nos processos de lutas democráticas ao longo de três séculos de história europeia, e, ademais, que abstraía por completo o que havia sido propriamente uma parte da história da Alemanha. Isto se deu desta maneira, na realidade, pois não se produziu uma unificação, o que se produziu foi pura e simples absorção de um país pelo

outro, em que a história de uns, da República Federal, acabou sendo a história de todos. E isto é o explica os conflitos e as atuações comemorativas sobre o contexto urbano de Berlim depois da reunificação, que em minha opinião, construiu a última grande operação memorial mundial e simbólica relativa aos desastres do século XX.

Dois artistas, Filomeno Fusco e Victor Kégli, resumiram maravilhosamente bem tudo o que acabo de dizer sobre a exclusão (des)imaginação e (des)historização que ocorreu em todo este período. Fizeram, estes artistas, numa significativa instalação artística localizada no lugar mais emblemático de Berlim imperial que é a Berliner Schloßplatz. De 20.09.2000 (as datas aqui são importantes, pois esta é a data do aniversário da vitória Alemanha de Sedan que se dá em 1870, e que é tida como a data fundadora da primeira unificação alemã) a 3 de outubro do mesmo ano de 2000 (hoje festa nacional porque se celebra a comemoração da segunda unificação, que ocorreu em 1990), ou seja de 20 de setembro e de 03.10.2000, que vincula as duas unificações da Alemanha, se comemorou de maneira solene os aniversários da unificação, e que seria o 10.º aniversário da segunda unificação. O governo encarregou a estes dois artistas, Fusco e Kégli, que fizessem um ato artístico na cidade de Berlim. Eles escolheram a Berliner Schloßplatz e lá instalaram, para comemorar precisamente a unificação, 104 lavadoras automáticas de roupa, e convidaram aos berlinenses a lavar suas roupas sujas em público e ofereciam gratuitamente o detergente e ainda instalaram cordas para colocar a roupa, que reproduziam as arcadas dos antigos palácios dos von Hohenzollern, dinastia imperial alemã. Evidentemente, esta instalação para comemorar a unificação causou um grande alvoroço e, ao menos Fusco, um dos artistas, declarou a imprensa, o seguinte: “os monumentos habituais são lugares mortos, as pessoas se põem diante, olham e acabou. Nós criamos um monumento onde as pessoas estão ativas, lavam os seus, se encontram com os outros e conversam”. E o que falavam os berlinenses? Na mesma instalação que durou um mês, os artistas gravavam os comentários dos berlinenses que vinham lavar a roupa ou simplesmente olhar o que estava acontecendo na praça. Um jornal comentava a situação e reproduzia as gravações. “Muitos alemães do leste”, dizia o jornal, “aproveitam a ação para lavar sua amargura”. E, nestas gravações, uma vizinha declarou textualmente: “Efetivamente, toda a nossa história foi posta de molho, lavada e escorrida, nos últimos 10 anos, não se faz mais que demolir, deixar de lado e apagar as impressões da antiga República Democrática Alemã, como se ela jamais houvesse existido”. Outros pedestres se queixavam da instalação, pois consideravam que era uma ofensa, uma falta de respeito à honra nacional, pela instalação ter sido feita no lugar mais emblemático de Berlim imperial. Por outro lado, de certo modo (a imprensa falava isto e outros artistas apresentavam

esta crítica também), estas máquinas e suas disposições em filas perfeitamente assimétricas e sua forma cúbica lembrava o projeto do memorial do holocausto, que tinha sido aprovado cinco anos antes, ou seja, em 1985, e que só foi concretizada 10 anos mais tarde, entre 2005 e 2007. Esta é uma das imagens do monumento ao holocausto, de Peter Eisenman, que diziam ter inspirado Fusco e Kégli. Entretanto, os autores, e por isto eu enfatizei, suscitaram a diferença que havia entre a instalação que eles tinha feito e o projeto de monumento ao holocausto. Porque o seu monumento, diziam Victor e Fusco, explicitava e relatava e era, na verdade, uma metáfora do processo de lavagem e desaparecimento da história da Alemanha, não só da República Democrática Alemã, mas de toda a Alemanha, diziam eles e acredito que com razão. Por outro lado, o monumento de Peter Eisenman, diziam, expressava o único que se pode fazer visível, por ser politicamente correto, no ano de 2000. E o que era, em 2000, politicamente correto: era dar visibilidade as vítimas do holocausto. É certo que isto ocorria em 2000, e naquele momento, sim, era politicamente correto falar das vítimas do holocausto na Alemanha, não antes, não nos anos 1970, nem nos anos 1980, como eles nos vendem.

No último dia da instalação, em 03 de outubro, a celebração acabou com a retirada pública das 104 lavadoras de roupa; não restando nenhuma. Escolhi este exemplo, porque acho que a metáfora é perfeitamente apropriada, mas também pela grande aceitação que teve a iniciativa entre a população de Berlim. Uma prova é as declarações que vimos que foram feitas pelos visitantes. Quando uma instalação tem esta aceitação popular pode-se dizer que realmente está conectada com o sentimento da sociedade. Mas, por certo, a pergunta é, e por isto pus as imagens, o que havia acontecido nos anos anteriores, inclusive desde o pós-guerra mundial, para chegar a esta situação no ano de 2000, ou seja, para chegar a se ter esta consciência de resgatar o passado e desta consciência da lavagem da história e de que a memória pedia explicações, que era exatamente isto que havia acontecido? Provavelmente há uma imagem equivocada do que foi a atitude dos governos da República Federal Alemã em relação ao nazismo no imediato pós-guerra e nos primeiros anos da criação de um novo Estado democrático. Porque há a imagem de que realmente se produziu uma desnazificação eficiente. Mas, na realidade, Konrad Adenauer, primeiro chanceler da Alemanha, a partir da fundação da República Federal Alemã em 1949, e até 1963, não aplicou a desnazificação. A desnazificação foi um produto dos aliados, que tinha ainda sua presença não só em Berlim como em todo território alemão, dividido pelas diferentes forças que tinham ocupado a Alemanha. Porém, realmente, o governo Adenauer, primeiro governo democrático da República Federal, o que fez foi promover algumas mudanças na nova constituição de Alemanha, que permitia uma certa benevolência com

os que haviam participado do regime nazista e também aprovou diversas anistias e tudo isto com o objetivo de facilitar a reintegração de personagens notáveis do partido nacional socialista na vida nacional e a altos cargos da administração do Estado, como Kurt Georg Kiesinger, Gerhard Schröder (ministro da defesa), Springer, Franz Joseph Strauss ou Globske, um dos redatores das leis de Nuremberg. Estamos falando de pessoas realmente muito importantes, antes mesmo nas juventudes nazistas e partidos nazistas, quanto em toda a administração alemã. Georg Kiesinger, por exemplo, acabaria sendo Chanceler da República Federal Alemã, um antigo nazista. Por outro lado, tampouco podemos nos enganar, o que estava fazendo Adenauer era muito parecido com o que se estava fazendo Charles de Gaulle na França: incorporando à nova administração da quarta República colaboradores dos regimes de Vichy. Distintos e importantes colaboradores, que posteriormente, precisamente na década de 1990, seriam levados aos tribunais. Como exemplo temos o caso de Papon<sup>1</sup>, responsável por enviar aos campos de extermínio, 70.000 franceses de confissão judia, entre eles 11.000 meninos e meninas. Papon foi julgado em 1998, porém antes disto Papon tinha sido designado Ministro de Planejamento da República. Quem teria que ser julgado? Papon ou o presidente que o havia nomeado ministro? Bem, isto ocorreu na França. E isto estava ocorrendo também na Alemanha. E isto ocorreria ainda que em menor grau também na Itália.

Expus isto para que se veja que não era um caso exclusivo da Alemanha, mas geral dos países na Europa, que haviam participado da Guerra Mundial. Entretanto, isto que ocorreu nos anos 1950, mudou nos anos 1960, inclusive

- 
1. Maurice Papon foi um oficial do governo Vichy que colaborou com o regime nazista na Segunda Guerra Mundial. Sabe-se que, no verão de 1942, Papon ordenou a prisão de 1.690 judeus, incluindo 223 crianças, que foram enviados de Drancy, um campo de trânsito nos subúrbios de Paris, para Auschwitz. E, que, pessoalmente organizou quatro dos 12 comboios que levavam os judeus ao extermínio. A França recentemente libertada achou difícil aceitar que ele era um colaborador nazista e ao público foram contadas histórias de heroísmo da Resistência Francesa e do patriotismo inflexível de Charles De Gaulle. De Gaulle agradeceu Papon por seu trabalho na Resistência Francesa e foi condecorado com a Legião de Honra e a Cruz do Lutador da Resistência. Papon foi desmascarado por um judeu chamado Michel Slitinsky, que escapou da prisão em 1942, mas que não desistiu em descobrir a verdade, em memória de seu pai, que foi preso e assassinado em Auschwitz. Entretanto, apenas em 1998, quando Papon tinha 86 anos, ele foi levado aos tribunais. Foi condenado e acabou fugindo para a Suíça. Apenas em 1999, ele foi encontrado e devolvido para a França para iniciar sua pena. Foi libertado da prisão em 2002 devido à sua saúde precária e veio a falecer em 2007. Disponível em: [www.historylearningsite.co.uk/maurice\_papon.htm]. Acesso em: 04.09.2012.

os finais dos 1960. No contexto das mudanças que se produziam naquela década, que foram importantes e, como vocês sabem, teve seu ápice em 1968, a geração alemã (a primeira geração que havia crescido no marco do estado do bem-estar, que haviam nascido em 1945 e tinham 20 e poucos anos em 1968) começou a manifestar o seu descontentamento com os partidos alemães, mas, sobretudo, manifestou a vontade de saber mais coisas que haviam acontecido durante a guerra. E, sobretudo, manifestou um grande interesse em instruir-se profundamente sobre a responsabilidade e a culpabilidade da geração da guerra. E, o símbolo mais claro desta mudança geral, é o símbolo de uma jovem alemã, Beate Klarsfeld, que em 1968, chamou a atenção sobre o passado nazista do presidente e aproveitou a celebração do congresso da democracia cristã, presidido por Kiesinger (como já disse, chanceler alemão e ademais o presidente do partido democrata cristão da Alemanha, partido da atual chanceler Merkel), entrou no congresso, subiu na mesa e deu-lhe uma enorme bofetada (esta é a fotografia). Ao mesmo tempo, Beate Klarsfeld exigia gritando a sua demissão tendo em vista o seu passado nazista. Claro, estas imagens deram a volta ao mundo, pois não era um caso habitual. (Mostrando a foto) estão lhe tapando a boca, pois está gritando que ele tem um passado nazista e não é digno de ser presidente da República Federal e, finalmente, a levam à prisão e ao lado está Kiesinger cobrindo a bochecha por conta do tapa que levou. O importante disto é que, Beate Klarsfeld, não era judia, não tinha ninguém na família de origem judia, não era uma imigrante. Era uma jovem alemã, de família alemã e de descendentes puramente alemães, mas que representava uma geração, que, neste momento, estava exigindo e pedindo responsabilidades, enquanto que o Estado se inibia de tomar esta responsabilidade. Melhor dizendo, não se inibia, mas se fazia de surdo com relação ao passado nazista de seus representantes máximos.

Como disse, a imagem deu a volta ao mundo e foi o símbolo de que muitas coisas realmente estavam mudando. A situação da Alemanha e inclusive a histografia alemã, neste momento, deve-se ter em conta, não falava do genocídio. Inclusive os poucos historiadores alemães que, naquele momento falavam de genocídio, tratavam do genocídio judeu como um caso particular dentro do genocídio de maneira geral. E basicamente grandes profissionais discutiam e lhes preocupava apenas o conceito de totalitarismo e se deveria se falar de totalitarismo ou de autoritarismo. Tratava-se de discussões conceituais e, sobretudo, direcionadas a criar uma explicação de que se havia ocorrido o genocídio nazista e o surgimento do terceiro Reich por proteção de uma possível invasão da União Soviética à Alemanha. Ou seja, a histografia alemã não possuía nenhum sentido. Enquanto, outras historiografias, como a dos Estados Unidos, naquele momento, realizava os melhores estudos, em alguns casos estudos definitivos, sobre o genocídio alemão, como os realizado por Raul Hilberg.

A década de 1970 foi uma década de reflexão e de inflexão de muitas coisas. Porém houve um ponto de mudança muito importante, que proveio também dos Estados Unidos, que foi a emissão da série televisiva *Holocausto*, em 1978, e que passou na Alemanha em 1979. A série *Holocausto* deu a volta ao mundo. Começou a ser transmitida no início de 1978 e até o final de 1979 tinha sido vista por 500 milhões de espectadores. Na Alemanha, a série passou em janeiro de 1979 (teve uma audiência de 20 milhões de espectadores e calcula-se que 70% destes espectadores eram maiores de 16 anos) e, realmente, comoveu os lares alemães. Porque, de repente, quando se está projetando ao longo de quatro dias esta série televisiva (se vocês a vissem hoje em dia verão que não traz nada de novo. É uma série televisiva no estilo norte-americana, com um relato forte, a protagonista é Meryl Streep, muito direcionada a tocar a sensibilidade e a emoção do público, mas sem uma reflexão profunda, mas, talvez por este motivo, o comoveu), começaram a surgir, pela primeira vez, testemunhos: “eu vi isto”, “eu estive ali”, “eu posso dizer” e “eu posso contar”. Helmut Köhl, presidente do Parlamento Federal e líder de oposição de cristã-democrata naquela época, pediu a retirada da série de TV com um argumento clássico: de que ela provocaria o enfrentamento entre netos e avós; mas o governo socialdemocrata de Helmut Schmidt manteve a programação. As reações superaram qualquer expectativa. Sammy Maedge, um cidadão de Colônia que, no primeiro dia da emissão, colocou no meio da principal praça de Colônia, a Walleafplatz um enorme cubo de papelão, no qual estavam coladas fotografias do que tinha sido o principal centro da Gestapo na cidade de Colônia. Pela primeira vez, começaram a reivindicar com ações, como as de Maedge, a preservação dos lugares de memória do holocausto e não só do holocausto, mas também de como tinha sido perseguida a resistência alemã. Aqui o que ele reclamava era que o grande centro da Gestapo em Colônia, EL-DE-Haus, que havia se convertido nas humildes dependências municipais fossem reivindicadas como lugar de memória e se contasse o que havia sido a repressão da Gestapo na cidade de Colônia. E, efetivamente, ele conseguiu. Hoje EL-DE-Haus, é um edifício magnífico, um museu memorial, que conserva o famoso papelão. Foi nesta época precisamente, década de 1980, que se desenvolveram com mais força as reivindicações a lugares e espaços relativos à memória do passado do III Reich com iniciativas cidadãs. Porém, também, foi nesta data que se constituiu uma associação muito importante, que se autodenominou “Museu ativo”. A finalidade do Museu ativo era propor e promover uma memória participativa e, sobretudo, dar visibilidade as marcas do passado nos lugares públicos de toda Alemanha. A intenção do Museu ativo, era que as rupturas produzidas em rupturas em 1933 com a ascensão de Hitler ao poder, fossem percebidas de uma maneira concreta em todo o território e, portanto, mantendo vivas as contradições que isto implicava, ou

seja, não ocultando as contradições, mas as administrando. Isto porque o museu ativo afirmava que não era suficiente inscrever a memória em lugares centrais e em lugares vistosos, mas sustentavam que era muito importante manter os atos de memória em lugares dispersos da cidade que precisamente permitiam tocar a dimensão cotidiana do terror. Na realidade, o que estavam propondo era uma memória de proximidade. Por exemplo, promoveram e conseguiram que a *Deutsche Bahn AG*, a empresa ferroviária pública da Alemanha) assumisse a criação da instalação conhecida com o nome de *Geis 17* que é uma plataforma, ou melhor, a plataforma da qual partiam os trens da cidade de Berlim até aos campos de concentração e extermínio. O elemento central do monumento compõe-se de 186 objetos de fundição de aço dispostos em ordem cronológica ao lado da plataforma de embarque. Cada objeto indica a data do transporte, o número de deportados, o ponto de partida em Berlim e o destino. Nos últimos anos, a vegetação cresceu entres os trilhos da *Geis 17* e, agora faz parte do monumento, como símbolo de os trens nunca mais partirão daquele lugar.

Segundo o museu ativo, o que acontecia neste caso era a necessidade de que os fatos nus e crus falassem por si mesmos. Ou por exemplo, foram os que promoveram uma iniciativa que se estendeu por toda a Alemanha, inclusive em outros países, os *stolpersteine* (que literalmente significa “pedras com as quais se tropeça”), que são cubos de cimento de 10x10x10 parecidos a paralelepípedos, cobertos por uma folha de latão em que trazem gravadas as informações de pessoas desaparecidas e que por alguma razão se deseja lembrar. Estes cubos de latão, hoje, formam a paisagem memorial de praticamente todas as cidades da Alemanha. Ou a lembrança do grupo de resistência, Rosa Branca, um grupo de jovens, que finalmente foram detidos, mas que ficaram famosos sob o nome de Rosa Branca, na divulgação de propaganda antinazista. São alguns jornais inscrutados no chão junto com uma placa que conta a historia da rosa branca, mas, segundo o museu ativo, é uma memória de aproximação, na medida em que se encontram (faz menção a um jornal dobrado) quando se está caminhando. E há muitos exemplos que são frutos destas iniciativas.

Estou quase acabando, apenas quero trazer um exemplo notável, realmente importante. Numa atuação memorial, seja qual seja, o importante, ou mais que importante, o determinante, é responder a *Que? Por quê? Para que? Para quem? E como?* E isto foi que fizeram, precisamente, os artistas alemães, Renata Stih y Frieder Schnock dos quais a iniciativa dos vizinhos do bairro de Schönberg<sup>2</sup>

---

2. Schönberg é um bairro que forma parte do distrito da cidade de Berlim e no qual viviam muito judeus, nos anos 1930. Einstein era um habitante de Schönberg, por exemplo.

atuaram propondo instalar no bairro, sinais que remetiam a relações complexas. Sua decisão, sobretudo, foi precedida, por nada mais que, sete anos de um intenso processo de debates, de discussões, de diálogos, do qual participaram grupos diversificados daquele bairro, tais como oficinas de história, associações de vizinhança, paróquias, escolas, um departamento da universidade, que também se situa em Schöenberg, aos quais elaboraram perguntas e ofereciam respostas a estas respostas centrais. Estabelecendo, portanto, o que era que se desejavam e pré-figuravam os vizinhos mais participativos daquele bairro de Schöenberg, um bairro no qual haviam desaparecido 6.000 vizinhos judeus durante o terceiro Reich. A atuação artística, que se fez naquele bairro, hoje é internacionalmente reconhecida e é considerada como um das mais interessantes atuações memoriais que existem no mundo junto com o Memorial de Paine no Chile. Esta instalação foi construída por 80 painéis metálicos de 70 cm X 50 cm distribuídos por todo o bairro de Schöenberg e que estão fixados junto a uma lâmpada da iluminação pública. Estes painéis possuem duas faces, em uma delas há uma imagem e, no verso, distintos elementos que se referem a implicação que tem a imagem com a vida cotidiana do bairro e seus reflexos com a repressão nazista; por exemplo, (foto), temos em uma face, um pão, fixado na lâmpada, e no verso há um Decreto de 04.07.1940, que ordena aos judeus que “só poderão sair para comprar alimentos entre as 4 e 5 da tarde”. Nas outras horas do dia, não podiam sair às compras. Ou, por exemplo (foto), uma imagem de um colar de pérolas, e no verso, encontra-se o Decreto de 21.02.1939, que obriga a todos os judeus a entregar todas as suas posses em joias de ouro e de prata. (Foto) Ou este cachorro remete ao verso a lei que proíbe a prática da profissão de veterinários por judeus. (Foto) Ou, por exemplo, esta cartilha e este lápis, fazem referência a duas leis complementares que proibiam as crianças judias de frequentarem a escola. Ou, um gato tirado de um manual escolar, no verso esta a lei de março de 1941, que recorda a proibição aos judeus de ter animais de companhia em suas casas. O gato, o pão, o colar, a vaca (que remete também a proibição de compra de leite pelos judeus) expõem as consequências do terceiro Reich em cada esquina e, com algo muito importante, recorda a responsabilidade de todos os vizinhos do bairro sobre o que estava acontecendo. Alguns passavam por isto, mas todos viam que isto ocorria, é isto que retrata esta instalação. O nome do conjunto desta instalação, não pode ser mais tocante, intitula-se “Éramos vizinhos”, ou seja, apela a ideia de vizinhança. Portanto, percebam que não se trata de um monumento isolado, mas sim um monumento de aproximação e um monumento integrado a um processo, num projeto coletivo de memória. Ademais, nos anos seguintes, a partir do êxito que teve esta instalação, a administração do bairro organizou uma exposição (meio estável, meio permanente, porque passava por distintos

locais do bairro e, inclusive, saiu do bairro e foi a outros bairros da cidade, e em raras ocasiões saíram de Berlim) composta por objetos trazidos pelos vizinhos e que recordavam as leis nazistas. E o formato que se expõem estes objetos é o clássico álbum de família. Ainda tinha intenção de falar de como se realizou o que era propriamente a grande mudança simbólica dos últimos anos relativa à mudança dos nomes da cidade de Berlim, mas acredito que está muito tarde e aí tomaria o espaço do que acredito ser o mais importante: a discussão e as perguntas que vocês possam fazer. Portanto, acabo por aqui. Muito obrigado!

*Prof. Alexandre Barbosa:* Boa noite professor e muito obrigada pela exposição emocionante sobre alguns destes processos de conhecimento do passado. A minha pergunta é a seguinte: este museu interativo, que o Senhor acabou de mostrar, exige uma maturidade, apesar do nome da exposição ser “Éramos vizinhos”, o Senhor concorda que chama muito a responsabilidade de quem estava lá, exige uma maturidade muito grande. Do contrário, um turista que passe por lá, não entende o que significa o desenho de um lado e a lei do outro. Pela experiência que o Senhor tem de outras situações em outros países, o Senhor enxerga esta maturidade em todas as nações que tiveram estes processos de reconhecimento do passado?

*Ricard Vinyes:* Este tema diz respeito ao “Para quem” e “a quem”. O memorial, ou seja, a instalação foi feita para os vizinhos do bairro fundamentalmente e, por isto, a ambição da instalação era uma ambição de evocação memorial para os habitantes do bairro, para todos os habitantes do bairro, e por extensão aos habitantes de Berlim, não para os turistas. Mas, é verdade que, há alguns anos, em todos os centros de informação turística da cidade de Berlim, existem folhetos, por exemplo, do mapa que eu apresentei naquela foto, que é um mapa especial para turistas, aquele era o meu, que peguei num ponto de informação. Portanto, aquele turista interessado sobre este tema (e diversos pontos, do ponto de vista do visitante da cidade interessado em fenômenos culturais, mas também interessado em acontecimentos políticos, neste sentido, é muito acessível) pode se dar conta e tem a explicação bem feita e, ainda, nas escolas de Berlim ensinam o que é aquela instalação. Também acho que você perguntou sobre a autoridade, que é um tema importante. Quem tem a autoridade de memória? Quando não existe uma política pública de memória, não há uma autoridade. Portanto há iniciativas dispersas, que, às vezes, pode ter efeitos positivos e outras vezes efeitos desastrosos. Nos últimos anos, o governo alemão tomou a iniciativa de uma política pública de memória com distintos centros instrumentais, quero dizer, instituições que administram de maneira descentralizada estas políticas públicas de memória. Uma política pública de memória não é outra coisa que a combinação de três elementos: um objetivo, um programa e

um instrumento. Estes instrumentos foram sendo criados em distintos lugares da Alemanha, como por exemplo o de EL-DE-Haus, é um instrumento das políticas públicas. Sobre EL-DE-Haus, refiro-me a fotografia que mostrei antes em Colônia. Mas isto foi quando o Estado decidiu que tinha uma iniciativa própria, já quando se fez as primeiras atuações do museu ativo não existia nenhuma autoridade de memória, se faziam as coisas, como os vizinhos, os grupos, o museu ativo, consideravam adequados e conseguiram que o governo local, do distrito, municipal, ou, por fim, o governo do Estado desse respaldo a uma das atuações.

*Prof. Alvaro Andreucci:* Primeiramente gostaria de agradecer pela excelente palestra e agradecer por aprender sobre este exemplo da Alemanha onde a gente vê algumas características importantes de um envolvimento, de uma participação da comunidade nesse processo de recuperação da memória. Eu queria perguntar para o Senhor, se esta intervenção especificamente que o Senhor mostrou, ela foi vista posteriormente como forma de reparação e recuperação desta memória e se o efeito dela foi algo que foi mensurado, que foi debatido, foi visto pela própria comunidade como uma forma de se trabalhar com esta questão, porque nós vemos outros exemplos na América, como a punição; na África do Sul, a confissão pública; e, se neste sentido, a intervenção artística, ela traz um novo modelo de reparação desta memória. Como isto foi visto?

*Ricard Vinyes:* Na verdade, desde o primeiro momento que surgiu a ideia, a motivação de reparar está no centro do projeto. Primeiro lugar, porque evocar o ocorrido é uma, não a única, mas uma forma de reparação. Por outro lado, porque a apelação, a responsabilidade que pretende fazer esta instalação, leva a mesma também a um ato de reparação. Por outro lado, acredito que em todas as atuações, de um modo geral que se fazem, tem um fundo reparatório. A questão está: aquela intenção reparatória tem transcendência ou não tem. Por transcendência, entendo se a ação reparatória se transforma ao mesmo tempo ou ao longo do tempo numa evocação ou um chamado à responsabilidade. A responsabilidade passada, dos próprios vizinhos, que olhavam do outro lado, quando estavam ocorrendo os fatos, mas também a responsabilidade política que deve ter qualquer cidadão para que aquilo não ocorresse. Isto em termos ideais! Claro que é evidente que a interpretação de cada ação memorial tem dispositivos e elementos de subjetividade muito importantes, mas, sim, que está na sua base a motivação da reparação, porém não separada da alocação à responsabilidade.

*Prof. Vladimir Oliveira da Silveira:* Gostaríamos de abrir para a plateia se alguém tem alguma colocação ou pergunta para o Prof. Ricard Vinyes.

Neste caso, gostaria de agradecer muito ao professor pela brilhante palestra, por trazer dados extremamente importantes, informações que muitas vezes não são de conhecimento de todos, explicações, debates, reflexões extrema-

mente intrigantes e provocadoras e que abrem uma perspectiva de debate, de investigação aqui no Brasil, principalmente, diante de um momento histórico que estamos vivendo, a constituição e o início do trabalho da Comissão Nacional da Verdade do nosso país. Eu gostaria de agradecer muito os professores aqui presentes, professores do direito, professores de história, jornalismo e de outras áreas, que temos presentes aqui. Também gostaria de agradecer todos os professores envolvidos neste evento, especialmente a Profa. Samantha, também a Marli e toda equipe do nosso mestrado, que tem trabalhado, não apenas em assuntos específicos da nossa linha de pesquisa, mas em outras linhas de pesquisa, em temas transversais, que permitam um maior diálogo, não apenas dentro da área do Direito, mas também com as demais áreas afins, pra que nós consigamos cada vez mais aprofundar os debates e as pesquisas aqui na Uninove. Desde já fica o convite, pois conversamos também com o Prof. Ricard Vinyes no sentido de algumas possibilidades de intercâmbio e trocas universitárias com a Universidade de Barcelona, o que vamos levar a cabo na sequência. Professor, gostaria de agradecer muito e passar a palavra para o nosso Diretor para que fizesse a sua manifestação.

*Prof. Sergio Braga:* Boa noite, boa noite a todos, Prof. Ricard Vinyes é um prazer tê-lo aqui nesta universidade, como o Prof. Vladimir já disse nos orgulha a sua presença aqui nos trazendo um tema tão importante, num momento em que o Brasil busca com a sua comissão também avivar a memória de um período importante para nós. Eu gostaria de parabenizá-lo e agradecê-lo pela presença e colocar toda nossa universidade, o curso de direito, a sua graduação a sua disposição e fazer um convite para que o Senhor volte numa nova oportunidade para que todos nossos alunos possam conhecer um pouco mais de todo este trabalho que o Senhor faz. Muito obrigado!

*Prof. Sergio Henrique Ferreira:* Agradecemos a rica exposição do nosso palestrante e a todos pelo brilho desta noite. Boa noite a todos!

---